

O paradoxismo
ou a antipoesia



L · E · T · R · A · S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL ANO I Nº 11

SUPLEMENTO CULTURAL

Brasília, 28 de abril de 1994



**A estética
do desejo
inusitado**

Machado de Assis

1. **Perfil.** Para mim, a produção do artista se enriquece e se completa com as suas virtudes biográficas. Do ponto de vista ético não precisa ser um santo. Embora não se venerem necessariamente os demônios.

O meu enfoque premia a conquista individual de quem venceu as enormes barreiras da ascendência social, até alcançar o reconhecimento pelo esforço despendido. Além, evidentemente, do mérito da obra artística.

O artista que "veio do nada", ou seja: procedente do berço humilde, quando conseguiu projetar a sua arte além da fronteira dos preconceitos sociais, na minha visão, é, sem dúvida, um herói. Pois, para superar todos os obstáculos da vida, teve que demonstrar arrojada força de vontade.

A verdadeira conquista (da posição social, artística, econômica) há de ser produto da dedicação ao trabalho, aos estudos, ao respeito às normas do convívio social. Eis o perfil do herói.

Cada um tem o herói que prefere. Daí que, os heróis de uns podem nada representar para outros. Os políticos encontrarão os seus heróis no campo da política. Os pesquisadores haverão de encontrar os seus no

□ Paes Ribeiro



O Herói

âmbito da ciência.

Sem prejuízo de reconhecer o heroísmo de um Vital Brasil, em sua luta, primeiro, para tornar-se estudante e, depois, de formado em medicina, para realizar suas descobertas científicas, os meus principais heróis estão no campo das letras.

Não basta que um artista adquira fama repentina. É preciso que essa fama tenha base biográfica suficiente para justificá-la. Não basta que Humberto de Campos tenha ganhado a honraria de "Príncipe dos Prosadores Brasilei-

ros". É preciso considerar a vida que levou antes disso. Não foi ele um seringueiro na Amazônia? Não basta que Rui Barbosa tenha sido um poliglota. É preciso não esquecer que, para isso, teve que varar noites adentro, a estudar, com um pobre castiçal aceso. 2. **Três obstáculos.** Nessa linha de raciocínio, o meu herói maior, por assim dizer, é o carioca (ou fluminense) Joaquim Maria Machado de Assis.

Para chegar ao escritor universal que se fez, Machado de Assis venceu três barreiras dig-

nas dos heróis: 1) **preconceito racial**, porque era mulato; 2) a **pobreza**: cedo ele perdeu os pais e a irmã e passou aos cuidados de uma lavadeira; e, 3) **doença**: ele era epilético.

Se ainda hoje se diz que somente os pobres e os pretos vão para a cadeia, imagine-se quem nasceu meio século antes da Proclamação da República e 49 anos da Abolição da Escravatura, quando se tratava de um mulato, pobre e doente...

Os fatalistas diriam que Machado de Assis fora um homem de sor-

te. Eu garanto que ele foi um homem audaz. "Aos audazes a sorte ajuda" — dizia o meu saudoso mestre, padre Nestor Dias Lima, lá do seu calcinante sertão nordestino.

Fato é que, a despeito de raros outros de iguais condições sociais e econômicas, Joaquim Maria Machado de Assis tinha tudo para tornar-se um desvalido "menino de rua". Muito pelo contrário, ele aprendeu as primeiras letras com a madrasta, a lavadeira, mulata, Maria Inês, trabalhou nos afazeres da casa e na venda das "balas" que a madrasta fazia.

O seu interesse de crescer através dos estudos foi demonstrado a partir do momento em que passou a estudar francês com a senhora Gallot, dona de uma padaria, e latim, com o vigário da igreja da Lampadosa. E mais:

"Um dia, já rapaziinho, andando pelo Largo do Rossio, ficou fascinado com a livraria e tipografia de Paulo Brito. Pouco depois estava empregado na firma, como auxiliar de tipógrafo. Era o início de sua carreira" (**Obras imortais da nossa literatura**, p. 9, Editora Três, 1972).

3. **Solidariedade, apesar da monarquia.** Ainda no século



Agnelo Queiroz
— PC do B

Meia entrada consolidada

Uma das mais importantes leis aprovadas pela Câmara Legislativa é de autoria do deputado Agnelo Queiroz (PC do B). Trata-se da Lei da Meia Entrada, que dá acesso aos estudantes descontos de 50 por cento nos preços dos ingressos em cinema, teatros e demais espetáculos culturais. A Lei da Meia Entrada, que vem sendo imitada em vários outros estados do Brasil, confere a Brasília uma posição privilegiada. Tornou-se a primeira unidade, no final de 1992,

onde os estudantes podem ter um acesso menos oneroso aos eventos culturais. "Essa Lei tem um objetivo claro: permitir aos estudantes o acesso aos eventos culturais, tão fundamentais para sua formação educacional como o acesso à escola, à universidade", diz Agnelo, lembrando que, na verdade, a informação cultural é um complemento ao ensino tradicional. "O problema é que a maioria dos estudantes, como não pode trabalhar por estar estudando, tem

dificuldades de arcar com o preço dos ingressos. A Lei da Meia Entrada foi idealizada exatamente para amenizar essa dificuldade", justifica Agnelo. Satisfeito com o êxito da iniciativa, o deputado afirma que até os empresários e produtores culturais que, no início, protestaram e até usaram ações judiciais, reconhecem hoje que a Meia Entrada contribuiu com o aumento da frequência de estudantes nos cinemas, shows e demais espetáculos culturais e artísticos.

“O artista que veio do nada. Procedente da berço humilde, ao conseguir projetar as ua arte além da fronteira dos preconceitos sociais é, sem dúvida, um herói”.

passado, sob o regime Imperial e em plena era escravocrata, o mulato Joaquim Maria Machado de Assis não só recebeu tratamento que se haveria de conceber digno de outros tempos, mas, especialmente de outras concepções sociais.

Todavia, por incrível que pareça, com o decorrer dos anos, com a abolição da escravatura e o advento da República as concepções em nada melhoraram. Pelo menos no que diz respeito ao espírito de solidariedade humana. Pelo contrário, se Machado de Assis tivesse nascido um século depois, é possível que não tivesse sido contemplado com a expressiva e decisiva maré de solidariedade com que foi brindado, exatamente no tempo em que, efetivamente, mais precisou de ajuda que, de forma tão edificante, soube aproveitar.

A seguir, alguns nomes daqueles que, generosamente, ajudaram no aparecimento do escritor.

Primeiro, foram os seus padrinhos: Maria José de Mendonça Barroso, viúva do oficial Bento Pereira Barroso, ex-ministro e ex-sena-

dor do Império, e Joaquim Alberto de Sousa Silveira, oficial da Ordem Imperial do Cruzeiro e comendador da Ordem de Cristo, padrinhos dos quais herdou o nome, o que atesta que, quem tem padrinho não morre pagão. Nem sem nome.

Em segundo lugar, a madrastra Maria Inês, que lhe ensinou as primeiras letras, embora se tratasse de humilde lavadeira.

E, graças à senhora Gallot, dona de uma padaria, Machado de Assis aprendeu e dominou o idioma Francês.

Em sua atividade de sacristão, na igreja da Lampadosa, estudou Latim, com o vigário.

Após deixar a Tipografia (1856), foi para a Imprensa Nacional, onde “o diretor surpreendia-o muitas vezes, lendo durante o expedien-

te. Em lugar de advertência, Machado recebeu estímulo. Tornara-se protegido e discípulo do diretor...” (ob. cit.)

Aqui vale a observação de que o espírito de solidariedade e mesmo de generosidade — tudo indica — era maior do que nos tempos correntes. Ora, atualmente, com as raríssimas exceções, o servidor público não encontra qualquer acolhida no local de trabalho. Pelo contrário, desde funcionário mais graduado até ao mais modesto, quem falar de escritor, de escrever um livro, só por isso, já não lhe faltará colega que lhe torça o nariz.

Isto demonstra que, no decorrer de um século, quando se esperava

progresso espiritual, humanitário, aconteceu o oposto. Sem contar com o fato de que o escritor hoje poderá ser considerado um inimigo público, a sociedade simplesmente ignora, salvo quando se trata de autor ultraconsagrado, com o qual também a mídia é sempre generosa e ao qual parece dever eterna gratidão.

De sorte que Joaquim Maria Machado de Assis, pela mão solidária de Pedro Luís e Francis-

“Ele aprendeu as primeiras letras com a madrastra, a lavadeira, mulata, Maria Inês, trabalhou nos afazeres da casa e na venda de “balas” que a madrastra fazia”.

co Otaviano, em 1859, passou para o **Correio Mercantil**, na qualidade de revisor de provas.

Antes, frequentou o grupo da **Marmota Fluminense**, “enquanto estudava gramática e conhecimentos gerais com o padre Silveira Sarmiento” (ob. cit., p. 10).

Donde se percebe que, além da solidariedade recebida, Machado de Assis foi um estudante (informal) dedicado, qualidade que, com certeza, lhe atraiu e lhe valeu toda a expressiva ajuda conseguida.

E se de parte de tantos outros não lhe faltou sensibilidade, especialmente da sua mulher não poderia faltar. Eis que, a esposa, Carolina, “doce e afetuosa, interessava-se pelas coisas do marido, ajudava-o na revisão dos livros” (idem).

Aquele foi um tempo em que a civilização humana se revelou de modo altaneiro. E já não se fazem mais esposas como antigamente.

E o mulato, de origem humilde, nascido a 21 de junho de 1839, de infância e adolescência passadas no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, não perdeu nenhuma das oportunidades que lhe foram oferecidas. Assim, pôde ele transformar-se no escritor capaz de produzir poesia, contos, romances, teatro e crônica.

Além da contribuição cultural oferecida ao País, é bom que se ressalte esta importância da produção do escritor: para tentar atrair os brasileiros, os alemães recitavam poemas de Machado de Assis, no palco da II Guerra Mundial.

Para tornar-se imortal, nem teria sido necessário que ele ajudasse a fundar a Academia Brasileira de Letras.

Por tudo que fez o mulato, pobre e de pouca saúde, é que vejo em Machado de Assis o herói.

■ Paes Ribeiro é escritor e advogado. Tem seis livros publicados entre eles “O Menino do Mato” e “o Bicho-homem, este covarde”. Reside em Brasília há 32 anos.

Machado de Assis



Gilson Araújo — PP

Bibliotecas volantes para as satélites

Uma das maiores dificuldades ao desenvolvimento cultural do Distrito Federal é a escassez de bibliotecas públicas. Esse problema afeta especialmente as populações estudentes carentes das cidades-satélites, que não dispõem de recursos para adquirir livros destinados à realização de trabalhos escolares e à complementação dos ensinamentos recebidos em salas de aulas.

Com vistas a contribuir para a redução desse tipo de entrave à evolução cultural brasiliense, o

deputado Gilson Araújo (PP) apresentou, e a Câmara Legislativa aprovou, um projeto de indicação sugerindo ao Governo do Distrito Federal a criação de bibliotecas ambulantes destinadas, particularmente, aos jovens das cidades-satélites.

“Conforme todos nós temos conhecimento — afirma o parlamentar —, as populações das cidades-satélites apresentam, em maior ou menor grau e por variados motivos, dificuldades de acesso às fontes de leitura e consulta, sejam

livros, jornais ou revistas”. O deputado Gilson Araújo acredita que a existência de bibliotecas ambulantes, nos termos propostos, “viria a atender principalmente às necessidades das populações carentes, que têm, inclusive, dificuldade de locomoção por falta de recursos para pagar o transporte necessário”, salienta o parlamentar. Conforme ele, as bibliotecas ambulantes devem ser compatíveis com as necessidades e possibilidades da população de cada cidade-satélite.